

## Temiminós e Lusitanos na Conquista da Guanabara

Bruno Abrantes Amorin

As alianças entre os lusitanos e os nativos na América foram essenciais para que a colonização portuguesa conseguisse ser realizada. A Coroa sempre esteve interessada na participação nativa para impedir os ataques de estrangeiros e de outras tribos hostis aos lusitanos, e no Rio de Janeiro não foi diferente. Este consistia em um ponto estratégico para o sul do Brasil, e a constante presença de franceses e os ataques de tamoios a vilas próximas geravam uma instabilidade naquela região, por isso: “Pacificar os Tamoios e acabar de vez com a presença dos franceses constituía o grande plano cuja solução não deveria tardar.”<sup>1</sup>

Essa solução, contudo não era fácil, pois os portugueses não estavam em vantagem naquela situação. Na questão bélica, a desvantagem portuguesa era clara, uma vez que a apesar da tecnologia européia, a eficiência do armamento nativo era superior. “...a ação da flecha, pela sua maior cadência de tiro e seu bom alcance, tinha, no combate campal, uma eficácia superior ao arcabuz e mesmo ao mosquete”<sup>2</sup>

Não bastando apenas o armamento, a superioridade numérica dos tamoios também era visível. “Fortes podíamos chamar aos arcos de tanta multidão de tamoios, que cobriam os campos; e fraco se podia chamar nosso poder em comparação do de tantos bárbaros...”<sup>3</sup> Também na questão de sua marinha, os tamoios possuíam uma maior mobilidade e força.

“...muito mais formidável a grande multidão de canoas volantes, e guerreiras, a centos, e infinidade de tamoios armados, que cobriam os mares, e as praias, todos a som de guerra...”<sup>4</sup>

Além das emboscadas e ataques surpresas utilizados para conseguir quebrar as vantagens que os portugueses tinham sobre eles. “O índio, como todo o primitivo, como todo o combatente que sente a fraqueza de seus elementos de combate, age, preferencialmente, de surpresa, de emboscada.”<sup>5</sup>

Contando também o manuseio de armas de fogo e pólvora que os tamoios conseguiam com o comércio com os franceses. Resultava numa barreira que não era fácil de ser vencida pelos lusitanos.

“...nam aja franceses que favoreçam estes contrairos que são muito nosos vizinhos porque os franceses lhe dão muitas armas de fogo e muita pólvora com que lhes dão muito hanimo pera cometerem o que quiserem como fazem.”<sup>6</sup>

Outro grande problema com o Rio de Janeiro foi a falta de contingente populacional para povoar aquela região, seja quando Tomé de Sousa, em 1553. “...eu não fiz fortaleza este ano no dito Rio como me V. A. escrevia foy por que nom pude fazer por ter pouca gente e não me parecer sido desarmar por tantas partes...”<sup>7</sup> Ou com Mem de Sá, em 1560, depois da tomada e destruição do forte Coligny.

“...dezfiz-lhe o ninho e deu sua fortaleza em mão dos Portuguezes, a qual se destruiu o que della se podia derrubar, por não ter o Governador gente para logo povoar e fortificar como convinha.”<sup>8</sup>

O esforço de tomar e destruir Coligny, não garantiu que os franceses fossem expulsos da terra, pois estes se refugiaram com os tamoios estreitando ainda mais os seus laços de amizade. Além de passarem a atacar com mais frequência as capitânicas próximas. “Depois que Mem de Sá destruiu o forte de Villegaignon, os Franceses infestaram a Capitania do Espírito Santo dois anos a seguir.”<sup>9</sup>

Portanto, não mais bastava expulsar os franceses e pacificar os tamoios, era necessário povoar aquela terra como se desejava anos antes. “...após a ocupação francesa na Guanabara e seu conseqüente desmonte pela ação militar portuguesa, a vontade de povoar a região tornara-se uma exigência.”<sup>10</sup>

Contudo ainda era necessário se perguntar: Como povoar a região? Pacificar e aldear os tamoios seria uma solução em longo prazo. Era necessário conseguir um suporte nativo disposto a formar uma aldeia no Rio de Janeiro e combater os tamoios.

A solução seria encontrar uma das tribos inimigas dos tamoios para combatê-los, o que limitava a escolha aos temiminós do Espírito Santo ou aos tupiniquins de São Vicente.

Como em 1565, os tupiniquins estavam em guerra contra os portugueses que conseguiram aliar-se aos tamoios da região de Bertioga, restou apenas uma opção os temiminós. Mas que tribo era essa? Quais suas origens?

Pouco se sabe sobre a trajetória dos temiminós antes de sua transferência para o Espírito Santo. Suas origens são incertas, devido a falta de documentação anterior, talvez esta tribo possa ser uma divisão de uma das tribos tamoias da Guanabara, que no contato inter-étnico, criou-se ao terem de escolher de qual lado fixar uma aliança: do português ou do francês.

“...na possibilidade de estarmos diante de uma etnia que se construiu numa conjuntura de guerra, estimulada pelos interesses e motivações tanto dos portugueses quanto dos próprios índios.”<sup>11</sup>

Sabemos apenas que após sua transferência, os padres começaram a sua catequese e consideravam-nos bons cristãos. “...que os padres da Companhia tem feito com o gentio: haa muitos cristãos e bem doutrinados...”<sup>12</sup> e que estes defenderam o Espírito Santo dos franceses.

“Consultaram os da villa darem lá com elles e levaram Vasco Fernandes, aliás Gato, com sua gente, o qual adiantando-se dos Christãos, deram nos Francezes que estavam em terra que seriam alguns vinte, os quaes truoxeram, e duas chalupas e uma ferraria e muito resgate e roupas, de maneira que quase todos os Negros vinham vestidos.”<sup>13</sup>

Mesmo tendo apenas certeza de seus feitos, sabemos de sua origem que em dado momento estes índios do Gato, que depois se tornariam os temiminós estavam em desvantagens com os tamoios na Guanabara e pediram apoio ao donatário do Espírito Santo, para se refugiarem em sua capitania.

“...porque depois que eu tornei a arribar a esta Capitania, chegou aqui um principal, que chamam *Maracaiaguaçu*, que quer dizer *Gato Grande*, que é mui conhecido dos cristãos e mui temido entre os gentios e o mais aparentado entre eles. Este vivia no Rio de Janeiro e há muitos anos que tem guerra com os Tamóios, e, tendo dantes muitas vitórias deles, por derradeiro vieram-no pôr em tanto aperto, com cercas que puseram sobre a sua

Aldeia e dos seus, que foi constrangido a mandar um filho seu, a esta Capitania, a pedir que lhe mandassem embarcação pera se vir pelo aperto grande em que estava, porque ele e sua mulher e seus filhos e os mais dos seus se queriam fazer cristãos. (...) Tirou Vasco Fernandes Coutinho sobre isso testemunhas e mandou 4 navios, pera que fossem seguros dos Franceses, que sempre há naquele Rio, e que lhe dessem todo favor, com artilharia e mantimento que levaram, mas que não os trouxessem se não estivessem em extrema necessidade. Chegando lá os navios, estando já com as casas de fato queimado, dentro em dia e maio se embarcaram com tanta pressa, que havia pais que deixavam na praia seus filhos, e dois que ficavam na praia pera expirar, já de fome, baptizaram logo, e no-los deram.”<sup>14</sup>

O interessante deste relato é notar em que estado estavam os temiminós na chegada dos portugueses, muitos mortos e capturados, casas queimadas, o desespero ao ponto dos pais abandonarem seus filhos. Este cenário demonstra o grau de humilhação que estes nativos sofreram dos tamoios.

Contudo, parece que esta não foi a última tribo de temiminós na Guanabara, um pouco depois deste resgate outro ataque aconteceu, desta vez presenciado pelos franceses.

“Para lá se dirigiam à noite, apanhando a pobre gente desprevenida, e tal carnificina fizeram que causava dó ouvir clamarem as vítimas. Avisados, já quase à meia-noite, alguns franceses bem armados embarcaram às pressas para a dita aldeia que distava quatro ou cinco léguas do nosso fortim. Antes de chegarem, porém já tudo se consumara. Enfurecidos e encarniçados os nossos selvagens já haviam incendiado as chocas para desalojar os moradores e a muitos já haviam morto. Segundo me foi dito só se viam homens e mulheres espostejados nos moquéns e até crianças de peito assadas inteiras.”<sup>15</sup>

É esta violência dos tamoios contra os temiminós, enquanto estes ainda habitavam a Guanabara que os leva ao principal fator de sua aliança na conquista do Rio de Janeiro: a obrigação da vingança ancestral. “Pressões psicológicas: a crença na necessidade da ‘vingança’ transformava a participação das atividades guerreiras uma obrigação moral.”<sup>16</sup> Este fator é agravado, pois os ataques dos tamoios quase dizimaram aquela unidade nativa.

“A noção de vingança retinha como leit-motiv a intenção de satisfazer a necessidade de relação sacrificial de um parente morto, de um antepassado memorável ou de um ancestral mítico. Todavia, parece que essa necessidade aparecia quando a integridade da coletividade se via ameaçada em sua subsistência: nos momentos em que determinadas circunstâncias expunham o grupo ao risco de sofrer uma mutilação social.”<sup>17</sup>

No discurso e na prática dos acontecimentos pode-se reparar no papel da vingança ancestral no combate, primeiro pelo discurso jesuítico proclamado aos nativos antes do combate.

“Aos índios nossos confederados praticavam em sua língua própria; (...) os insultos, que não obstante elas lhes fizeram, cativando, matando, e comendo as mulheres, e filhos de muitos deles...”<sup>18</sup>

Segundo, pelo resultado deste discurso: dois massacres, sendo que no primeiro nenhum tamoio saiu com vida, enquanto que no segundo muitos deles foram mortos. “...foi entrada, e vencida, com estrago lastimoso, porque dos Tamoios, não ficou um com vida.”<sup>19</sup>

“foi necessário conduzir artilharia, e bater-lhe em cercas, que eram dobradas e fortíssimas: mas em breve tempo foram postas por terra com todas as suas casas, e mortos quantidade dos bárbaros.”<sup>20</sup>

Em ambos os ataques a vingança temiminó foi cumprida, não mais com rituais antropofágicos, mas de uma maneira cristã, com a morte dos infiéis, aqueles que se rebelaram não só com Portugal, mas com a cristandade ao aliarem-se a protestantes.

Mas não bastavam apenas nativos para vencer a guerra, também eram necessários para povoar o local e Mem de Sá não iria cometer o mesmo erro que cometeu na tomada de Coligny. Os poucos tupiniquins que tinham vindo de São Vicente voltaram para as suas terras. “Os Índios, que vieram de Piratininga à guerra do Rio de Janeiro, voltaram quâsi todos para suas terras.”<sup>21</sup> Era então necessário que os temiminós de Araribóia ficassem, o estranho é notar que aparentemente isso não aconteceria, senão pela interferência de Mem de Sá.

“... e porque estava muito dispeso, e gastado pedio licença a V. S.<sup>a</sup> para sahir com sua gente a repousar dos trabalhos passados, por haver quatro annos que andava n’esta conquista, e por V. S.<sup>a</sup> lhe foi pedido ao supplicante que folgasse de ficar na terra com sua gente para a favorecer e ajudar a povoar, por ser el-rei nosso senhor a quem muito fazia serviço, e porque elle suplicante desejava fazê-lo por lhe mandar, quer trazer sua mulher e muita gente que tem.”<sup>22</sup>

O que causa estranheza neste discurso, que se Araribóia tivesse negado, Mem de Sá não teria como empreender a colonização. Não acredito que o Governador Geral se arriscaria a tal possibilidade. Ao se pensar neste discurso pode-se perceber que se o convite foi feito por Mem de Sá, e é graças a ele que Araribóia resolveu ficar no Rio de Janeiro. Em suma, as glórias pela viabilização da colonização do Rio de Janeiro seriam dele.

Por outro lado, pensando na agressividade da saída dos temiminós do Rio de Janeiro para o Espírito Santo a retomada das terras, depois de quase quinze anos de convivência cristã naquela capitania, poderia ser encarada como parte da vingança. Esse movimento migratório surge “...em consequência de perturbações ocorridas nas suas condições normais de vida.”<sup>23</sup>

Outro fator a se pensar, é porque apenas os temiminós de Araribóia vieram ao Rio de Janeiro, e não os da Aldeia da Conceição? Esta última aldeia tinha sido instalada desde a chegada destes nativos ao Espírito Santo, enquanto a real fundação da aldeia de São João, a de Araribóia, é de 1564, um ano antes do início dos combates na Guanabara. Assim, é possível se pensar que os vínculos destes temiminós com a terra não fosse tão forte, ao ponto de na ser difícil convencê-los a se instalar no Rio de Janeiro.

Portanto, existiu um acordo entre Estácio de Sá e Araribóia (talvez verbal) para a sua permanência no Rio de Janeiro, não há como se determinar um momento histórico para isto, por falta da documentação e pelo discurso da carta de sesmaria da Aldeia de São Lourenço. Acordo este, que Mem de Sá confirmou e tirou proveito.

Conclui-se, portanto, que os motivos de tal aliança foram pela parte lusitana: a necessidade de guerreiros nativos que após o combate povoassem a terra. Pelo lado

temiminó, o cumprimento da vingança ancestral e o retorno a terra a qual teriam sido expulsos pelos tamoios.

---

<sup>1</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *O Rio de Janeiro no século XVI*, Estudos Históricos, v.1, Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, Lisboa, 1965, p. 107.

<sup>2</sup> VERÍSSIMO, José Inácio. *Historia Militar do Rio de Janeiro nos séculos XVI e XVII*, RIHGB v.288, p. 128.

<sup>3</sup> VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. Petrópolis, Vozes, 3ª ed., 1977. v. 1–2, p. 120.

<sup>4</sup> Idem, p. 113.

<sup>5</sup> VERÍSSIMO, José Inácio. *Op. Cit.*, p.123-124.

<sup>6</sup> Carta de Brás Cubas, provedor da capitania de S. Vicente a D. Sebastião, em que dá a notícia..., In: Joaquim Veríssimo Serrão, *O Rio de Janeiro no Século XIV*, Documentos dos Arquivos Portugueses, v. 2, Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, Lisboa, 1965 p. 50.

<sup>7</sup> Carta do Governador Tomé de Sousa ao Rei D. João III, com notícia das vilas e povoações que visitara na costa do Brasil, In: Joaquim Veríssimo Serrão, *O Rio de Janeiro no Século XVI*, Documentos dos Arquivos Portugueses, v.2, Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, Lisboa, 1965 p. 26-27.

<sup>8</sup> Carta de Manoel de Nóbrega ao Infante Cardeal (D. Henrique), 1560, In: *Cartas do Brasil (1549-1560)*, p. 226-227.

<sup>9</sup> LEITE, Serafim; *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, t. 1, Instituto Nacional do Livro, 1949, p. 218.

<sup>10</sup> MENDONÇA, Paulo Knauss de, *O Rio de Janeiro da Pacificação: franceses e portugueses na disputa colonial*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1991, p. 78.

<sup>11</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de, *Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2003, p. 63.

<sup>12</sup> Carta do Governador Mem de Sá à Regente D. Catarina sobre o estado do Brasil..., In: Joaquim Veríssimo Serrão, *O Rio de Janeiro no Século XVI*, Documentos dos Arquivos Portugueses, v.2, Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, Lisboa, 1965, p. 40.

<sup>13</sup> Carta Escripta do Espírito Santo sem nome de autor nem data, in: *Cartas Avulsas, 1550-1568*, Azpilcueta Navarro e outros, p. 236.

<sup>14</sup> Carta do P. Luiz da Grã, do Espírito Santo, 24 de Abril de 1555, In: *Novas Cartas Jesuíticas*, p. 179-181.

<sup>15</sup> LERY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora da Biblioteca do Exército, 1961, p. 181.

<sup>16</sup> FERNANDES, Florestan. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1970., p. 352.

<sup>17</sup> Idem, p. 348.

<sup>18</sup> VASCONCELOS, Simão de. *Op. Cit.*, p. 119.

<sup>19</sup> Idem, p. 130.

<sup>20</sup> Idem, p. 130.

<sup>21</sup> LEITE, Serafim. *Op. Cit.*, p. 423.

<sup>22</sup> Carta de sesmaria de Martim Affonso de Sousa, 16 de Março de 1568, Joaquim Norberto de Sousa Silva, *Memoria Historica e Documentada das Aldêas de Indios da Província do Rio de Janeiro, parte documentada*, RIHGB, v. 14, p. 304.

<sup>23</sup> FERNANDES, Florestan. *A Organização Social dos Tupinambás*, São Paulo, Hucitec, 1989, p. 93.